

A TRÍPODE

O ÚLTIMO MELLION - LIVRO I
PEDRO LUÍS CARDOSO

Título Original: A Trípode – O Último Mellion

Autor: Pedro Luís Cardoso

Copyright © Pedro Luís Cardoso

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Rita Félix

Pós-Paginação: Ana Domingues

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Rafaela Silva

Ilustração da Capa: © Único Dela

Marketeer: Iara Andrade

1º Edição: abril de 2025

3ª Edição: maio de 2025

Reimpressão: setembro de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 547689/25

ISBN: 978-989-3619-21-6



Ao meu pai, por me ensinar que, às vezes, compreendemos
melhor o mundo se o virmos de olhos fechados.

PREFÁCIO

Escrever um prefácio é um exercício curioso: não podemos revelar muito do que vem a seguir, mas também queremos levar o leitor que decidiu parar os olhos nestas páginas iniciais a avançar o mais depressa possível. No fundo, queremos que nos leiam, mas também queremos que passem à frente e avancem para o que realmente importa: a história.

Por isso, se quem está a ler estas linhas decidir abandoná-las e começar de imediato a ler, sinto-me honrado. O meu papel está feito.

Vá, avance. A primeira frase é: “Somente pergaminhos e crónicas de antanho mantinham viva a violência doutrora”.

(Ah, mas não se esqueça de olhar para o mapa antes da primeira frase: a aventura começa aí, nas curvas dos rios e nos nomes das cidades que ainda não conhece.)

Quer demorar um pouco mais antes de entrar nesse outro mundo? Então aproveito para dizer algumas coisas.

A fantasia precisa de mãos fortes para resultar. O mundo é outro e é criado pela força da linguagem escrita — bem mais difícil de moldar que a linguagem oral. Exige paciência de ourives, olho de cartógrafo e imaginação firme. Pedro Luís Cardoso tem a paciência, os olhos e essa firmeza da imaginação. Pega no mundo imaginado e destila-o em palavras que servirão para recriar Asterend de cada vez que alguém pegar no livro e começar a ler. Não se trata apenas de descrever montanhas ou reinos, mas de insuflar vida em cada sílaba, de fazer com que o vento das Bistr surre nos ouvidos do leitor e que o sal do Talcã fervilhe nos lábios.

Algumas dessas palavras são em línguas imaginadas pelo autor para o mundo em que entramos. Foirfeich-tional, Tuath, Morijná — termos que ecoam como cantos ancestrais, carregados de significados que o glossário, no final, desvenda parcialmente, mas que só ganham pleno sentido no ritmo da narrativa (tal como as palavras no nosso mundo só se tornam reais fora dos dicionários, na boca e nos ouvidos dos falantes).

O mapa, no início, e o glossário, no fim, são a moldura para esta história em que uma sombra atravessa o mundo imaginado, enchendo de dúvida o protagonista, Ptelius Timés, e arrastando consigo o leitor para uma teia de mistérios tão antigos como as pedras de Gherssuill.

O uso de palavras em línguas inventadas não é mero capricho. Há um grande cuidado para que essas línguas sejam coerentes e revelem ao leitor a paisagem verbal desse mundo, remetendo para um imaginário com uma longuíssima tradição — mas sem se deixar aprisionar por ela. A criação de línguas é uma atividade artística, na verdade. O inglês tem um termo para quem se dedica a essa arte: conlanger, um criador de línguas, uma tradição com nomes tão importantes como Tolkien ou, mais recentemente, David J. Peterson.

Pedro Luís Cardoso é, também, um conlanger, para lá de um autor de fantasia de excelência. Cada nome em Gaoth ou Homni foi talhado para soar familiar e estranho ao mesmo tempo, como um eco de algo que já existiu, mas que só agora ganha forma.

Afinal, um mundo humano, na realidade ou na fantasia, necessita de línguas. Quem se atreve a criar um mundo novo, também deve atrever-se a criar línguas pelas quais esse mundo se expressa e se divide. E é assim que Asterend respira: através de línguas que moldam alianças, de nomes que carregam histórias de guerra e exílio, de termos que revelam a geografia real, íntima, dentro da cabeça dos habitantes.

Foi o que Pedro Luís Cardoso fez: criou um mundo e pintou-o também através dos sons dessas línguas que, confesso, fiquei com vontade de aprender. Há um sabor particular em Baile-Mòr, em Vírgolo, em Cothrom — e tudo isso é intencional. Cada sílaba é um convite a mergulhar mais fundo, a perder-se neste universo.

E, agora, avance. Nem imagina o que aí vem: príncipes-poetas cujas canções são armas e sombras que espreitam além das montanhas. Batalhas travadas em salões de pedra e línguas antigas a ecoar na página.

Vamos a isto.

Marco Neves,

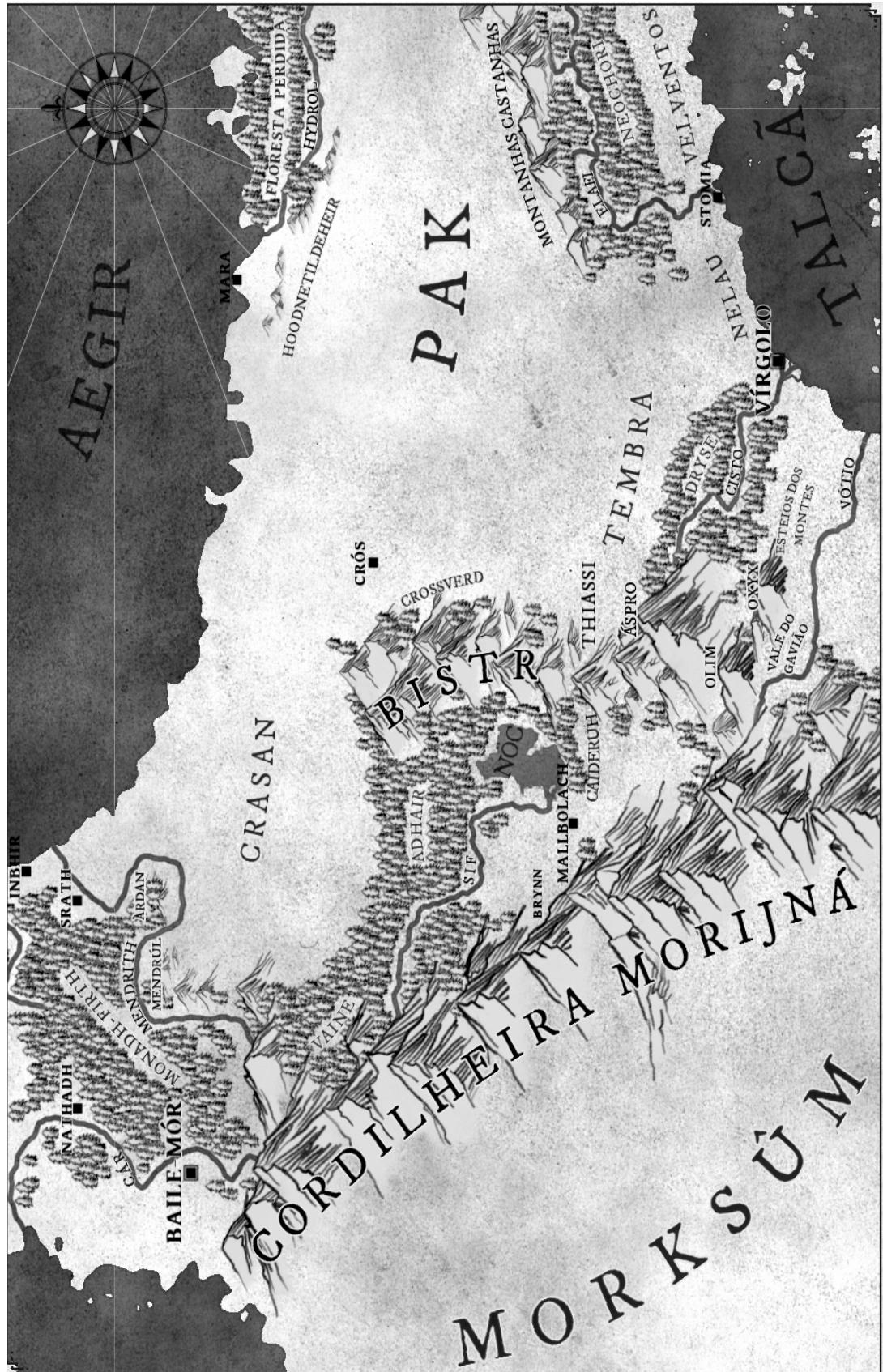
Escritor e Professor na NOVA FCSH de Lisboa

Nota de autor

Alguns nomes encontrados nesta história foram traduzidos porque, na sua língua antiga original têm o mesmo significado literal que no português atual. São exemplo «Montanhas Castanhos», «Fonte», «Cisne Ciano», «Floresta Verde», etc.

Outros nomes não têm uma tradução direta para o português atual. Sendo assim, o autor deste livro optou por dar-lhes uma interpretação com base na etimologia dessa língua antiga original. Um exemplo será «Fearg Pak», que num sentido mais lato pode ser interpretado como «a Fúria de Pak», entre outros.

Por último, existem nomes cuja forma na língua antiga original se manteve neste texto devido à impossibilidade de serem traduzidos. Tendo como exemplo «Gherssuil», «Vírgolo», «Morijná», «Baile-Mòr», etc.





A Trípode

O ÚLTIMO MELLION

- Uma história de Asterend -



Os Príncipes de Stomia

I

Longe de casa



Somente pergaminhos e crónicas de antanho mantinham viva a violência doutrora. Em todos os seus vinte anos, jamais os pés de Ptelius Timés haviam pousado o campo de batalha, e tão-pouco sua verde vista alguma vez se debulhara em lágrimas pela morte da guerra. Caso não fossem as histórias bélicas inscritas em laudas ou músicas, as imagens dos tempos bárbaros não teriam lugar na mente do jovem Homni. Não poucas vezes Ptelius ouvira os alardes de seu irmão mais velho, dos tempos em que comandara tropas pelas terras limítrofes, forçando o medo e impondo o domínio do Senhor de Stomia sobre o espírito dos povos sem dono. Completavam-se dez anos desde a última vez que Aurol regressara da guerra setentrional, e desde então a paz cobrira o território de Authair Timés II, pai de ambos. Aurol era o exemplo que Ptelius havia de seguir. E como infante da Casa dos Criados nada mais se esperaria do Príncipe Poeta de Stomia. Stomia era uma terra nascida da guerra e, desse passado, Ptelius não se podia esconder.

Naquele tempo, o jovem príncipe, só e desamparado, achava-se interinamente em Baile-Mór, a cidade fortaleza dos Gaoth. Tudo porque os demais doutos Homnis haviam lido maus presságios vindos de ocidente e um receio pela interrupção da paz pairava nos seus corações. Assim, guiados por essas leituras, os Senhores de Demochóra haviam decidido procurar conselho a norte, pois os Aitjém são grandes conhecedores do mundo e melhores do que qualquer outro povo na leitura dos seus sinais. Prontamente, e não somente com o objetivo de honrar a velha promessa de vassalagem, Authair, o Senhor de Stomia, mostrou-se disposto em embarcar nessa missão prospetiva, pois sabia como esta era mais uma excelente oportunidade para fortalecer a útil amizade que a Casa dos Criados mantinha com os Gaoth. Respondendo ao apelo de seu pai, Aurol reuniu um grupo de sete homens para o acompanhar. Era composto

pelo seu escudeiro Manolis, os irmãos Theodoros e Theofanis, Pangiotis, Elias, Lukas e o seu único irmão, Ptelius Timés. Haviam partido a cavalo de Vírgolo, no primeiro dia de Primavera, e há algumas semanas que residiam em Dachaidh.

Era essa encruzilhada que mantinha Ptelius em Baile-Mòr. No seu íntimo, o Príncipe Poeta receava, tal como os sábios do seu povo, que as nuvens negras que vislumbrara a oeste aquando da sua viagem pudessem pressagiar o fim da tranquilidade dos Homnis. Apesar do grande amor que tinha pelo oceano meridional, o seu coração também se movia pelo amor aos seus. Herdara esse carinho de sua mãe Agathe, a qual amava as pessoas e os animais acima de tudo o resto, e seu coração movia-se facilmente pelos entes queridos. E, tal como ela, também Ptelius preferia a escuta em vez da fala, mesmo que isso significasse ingressar em longas conversas. Mas isso não significava que o príncipe era um mau falante. Bem pelo contrário.

Além disso, também se podiam adivinhar no físico de Ptelius talhes de Agathe. Como nos seus espessos cabelos negros, por exemplo. Curiosamente, o pai Authair e o irmão Aurol eram munidos de loiras e finas cabeleiras e por isso parecia que cada filho fora beber os traços mais particulares a cada um dos progenitores. Ptelius nascera franzino, com membros esguios e cresceria habituado ao colo. Inúmeras tinham sido as vezes que o pequeno Ptelius se perdera a brincar com os abundantes caracóis pretos de sua mãe, e quantas horas não passava ele agora a recordar esses dias de desassombro. Ptelius, desde o dia em que suas mãos se mostraram capazes de abarcar o cabo de uma espada, fora ensinado conforme os guerreiros de Stomia, se bem que nunca necessitou de pôr à prova os seus ensinamentos com armas. Por isso, contrariamente às vontades de seu pai e movido pelo seu próprio intelecto e ambição, o jovem dedicara-se ao estudo dos tempos idos e à aprendizagem das línguas dos povos de Asterend. E todo o seu tempo, engenho e arte eram colocados em prol da escrita e da música. Compunha belíssimas canções e poemas, como em vários séculos não se ouvira nos reinos dos Homni. E do luxo desses tempos de calma cresceu um entendimento e manejo das palavras que lhe permitiam chegar fulgurosamente aos corações dos demais, e muitos eram os que caíam sob os seus encantos. Na sua garotice, Ptelius aprendera a tocar sozinho o alaúde. E com deleite dizia, repetidas vezes, como apenas as estrelas e o oceano haviam sido seus instrutores. Com o tempo, acabou por se enamorar pelo Talcã. E o seu laço com o oceano tornou-se tão forte, que o seu peito fervilhava ou a sua mente

apaziguava conforme o mar encrespava ou se desencapelava. O mar era a sua maior inspiração, a sua maior musa e o objeto do seu amor.

Mas, por enquanto, Ptelius ainda tinha de se vergar às ordens do Senhor de Stomia e embarcar nas missões que seu pai lhe designava. Algo que amargurava sempre o Príncipe Poeta, porque cada hora longe do Talcã era uma hora de angústia.

Por outro lado, Aurol Timés nascera uma criança forte e pesada, e essa robustez de espírito e opulência de corpo levou-as consigo até à maioridade. Foi cognominado O Delfim Dourado, pois seus cachos dourados desabrocharam quando ainda era bebé de mama. Cresceu no seio da guerra e foi segundo a sua tradição ensinado. Depressa adolesceu como um valioso soldado e, com o sangue na guelra, muitos foram os que o seguiram até à morte. Obediência e brio eram as suas máximas, e a sua vontade era um espelho dos sonhos de Authair.

Eis um pouco daqueles que eram os príncipes de Stomia daquele tempo. Porém agora, e iluminado por um luar diferente ao de casa, Ptelius Timés encontrava-se reclinado sobre o parapeito de uma janela emprestada. E fazendo-se acompanhar pelo seu leal alaúde, cantarolava um tema que soava algo como isto:

*Ó mar que me trazes?
— Ventura e sustento.
Ó mar que me fazes?
— Comoção aí dentro.
D'oiro fantasio o teu corpo,
Mas turquesa é teu pensamento.
Se te possuisse por um momento
Só te daria n'último sopro.
Ó como amo teus olhos fundos,
Ó imensidade do meu nu coração!
Quem levaria meus até ti então?
Pois escoam aqui moribundos.
Ó mar que me trazes?
— Ventura e sustento.
Ó mar que me fazes?
— Comoção aí dentro.
Que saudade d'ouvir tua prece
Expelida no quebrar rico do teu ser.
Se te arrebentas assim sem padecer,*

*Vem a quem amor te oferece.
Se contigo me desmoronasse,
Bom lucro farias com minha ruína.
Pois crescer príncipe é minha sina
Até qu'esta vereda me passe.
Ó mar que me trazes?
— Ventura e sustento.
Ó mar que me fazes?
— Comoção aí dentro.*

Desde o alto do monte Daineach e sob a claridade lunar, assim soavam as saudosas palavras na melodia de Ptelius, o Príncipe Poeta, para regalo de quem o escutava.

Encaminhadas pela cadência, as notas nasciam do exímio alaúde, ao passo que a doce voz, criada pelo sentimento do príncipe, as acompanhava como que numa dança graciosa. A música preenchia o claustro interior do castelo e a sua reverberação, nos segundos em que se detinha para acariciar os ramos das árvores do jardim, balançava as flores das amendoeiras como o sopro quente do estio. Depois, a melodia escoava pelos compridos corredores e pelas arcadas seculares, onde então acabava por esmorecer e achar o seu perpétuo descanso no espírito inexorável das pedras graníticas.

— Longos e penosos são os dias longe do Talcã — pensava alto Ptelius, enquanto permanecia sentado e pesaroso à janela do seu quarto.

Ia acariciando o verniz do seu imaculado alaúde e, com as palavras, parecia procurar esmola num Gaoth servente que ali estava perto. Era o mesmo que o acompanhava desde o primeiro dia que chegara a Baile-Mòr.

— Daqui torna-se difícil para mim sentir as águas do mar — proferiu o príncipe, com um tom monocórdico e dirigindo-se à companhia inquebrantável.

Todavia, prontamente se desanimou, o único troco que Ptelius obteve foi o silêncio. Mas, não se dando por vencido e depois de uma pausa refletida, o jovem insistiu no diálogo:

— É no encanto do mar que encontro as forças de que preciso para caminhar. Mas não posso desiludir Aurol, nem meu pai. Os deuses que me livrem de o desacreditar! Como príncipe da Casa dos Criados tenho responsabilidades que nasceram comigo. Enfim, talvez não me compreendais, pois vós pertenceis a um povo mais anoso e movido por

outras coisas. Certamente que vossa natureza é diferente da minha. Contudo, percebeis como estas matérias são de volumosa importância para os corações dos Homnis, correto? E ainda o são mais para o forte coração de *meu* pai...

» Foi só por isso que vim. Não que desgoste dos Aitjém, nada disso. Aliás, o oposto é pura verdade: tenho bastante estima pelo vosso povo! Há tanto que me falta aprender da vossa História e sobre os vossos conhecimentos antigos e referentes à Natureza. E talvez esse saber nos elucidasse nestes tempos ominosos...

Uma breve exalação foi quanto bastou. Era a única resposta que Ptelius iria obter do Gaoth, e ele sabia-o.

Ainda assim, Ptelius percebera bem e endireitou as costas levemente. Compreendera como a mensagem dissimulada naquela respiração final havia despertado a curiosidade do pajem. Mas ficar-se-ia por ali, satisfeito com a armadilha que as suas palavras haviam lançado.

— Vede como já devaneio — disse Ptelius, fazendo-se de desentendido, — e provavelmente já são mais que horas para nos darmos ao sono, correto?

Então, Ptelius entregou-se ao mutismo com um sorriso malandro no rosto porque, e apesar dos muitos falhanços, sabia que havia feito progressos na missão de fazer o Gaoth falar. E isso dava-lhe gozo.

Depois de repousar o precioso instrumento sob o peitoril granítico, Ptelius, mais acostumado à sua clausura, fechou as portadas de madeira vermelha da janela. Para lá dela, e além das muralhas da almedina, estendia-se para oeste um sem número de árvores caducas que davam forma à misteriosa floresta de Monadh-Firth. O clima temperado desta região, que em brisas invadia o quarto, advinha da intrusão da península de Dachaidh no oceano boreal. Mais a oeste, perto do berço do Cár, agigantava-se o imponente monte Daineach, onde no topo repousava Baile-Mòr; e, seguindo para oriente, acompanhando o serpenteante Mendrith, que desaguava no Aegir, os montes Mendrúl e Àrdan elevavam-se. Mais para norte, o rio Cár medrava e curvava para oeste até desembocar no oceano e, além do seu estuário, alongava-se a campina de Cothrom pelas terras dos imortais e insondáveis Tuath — os Aitjém do Norte.

Ptelius meditava sobre estas terras estrangeiras, todas elas tão distantes da sua, e o seu corpo minguava debaixo da pele. Conformado, dirigiu-se a passos lentos em direção ao seu leito, apagando pelo caminho a única vela solitária da divisão. Envolvido na penumbra, deitou-se, cobrindo-se com mantos de lã, e adormeceu. Finalmente, cumprindo o fatídico propósito

de uma cadeira em nogueira que permanecia perto da porta de acesso ao aposento, o pajem sentou-se e entregou-se ao sono também.

Entretanto, lá fora, a noite prosseguia, cobrindo a terra com uma capa calma e insondável. Enquanto avançava, paulatina e negra, esmerando-se para não acordar os dois recém adormecidos, a noite atravessou o mundo e caminhou para oeste. E assim cursou o negrume pelos céus. Por fim, esgotando o fugaz prazo das suas existências, as estrelas deixaram o firmamento enquanto a alvorada indeclinável regressava, tal como sempre aconteceu e sempre acontecerá. Então um novo dia foi permitido a Asterend: o Sol, livre de quaisquer obstáculos nublosos, levantou-se acima da ramagem esverdeada de Monadh-Firth, a leste, e iluminou a manhã. Através do ar arrefecido, a luz da aurora chegou ao quarto do Príncipe Poeta e, por entre as férias das tábuas de madeira, o raiar cruzou a divisão espalhando-se nas pálpebras de Ptelius, interrompendo assim o seu descanso. Junto à porta, o pajem já estava a pé, vigilante sabe-se lá há quanto tempo. Por sua vez, num pulo expedito, o Homni levantou-se da cama. Despiu-se, espreguiçou os músculos e enfiou os esbeltos membros pelas costuras de umas vestes ceremoniais. Assim que o príncipe Homni atravessou a porta do seu quarto, o pajem ofereceu-lhe um naco de pão de trigo branco que trouxera numa algibeira vindia da cozinha.

— Bons dias — disse o pajem.

E o Príncipe sorriu-lhe, satisfeito. Sabia-lhe bem começar o dia com o sentimento de missão cumprida. Sem demoras, Ptelius devorou o pão em três dentadas irrefletidas, à medida que os seus pés o empurravam velocemente pelo chão alcatifado.

O castelo de Baile-Mòr era de uma arquitetura magnífica e nenhum pormenor tinha sido deixado ao acaso. Gherssuil era o seu nome e, espreitando acima de qualquer outro edifício em Baile-Mòr, erguia-se das alturas do Daineach. Mais a norte, no ponto mais setentriional da muralha exterior, existia uma grande torre de vigia. No topo do cónico telhado preto, um estandarte balançava ao vento, exibindo a antiga insígnia da cidade — a Gheur Sùil. Outrora, quando a discordia e a guerra rondavam perto de Baile-Mòr, a torre de vigia serviu os olhos dos Gaoth excelentemente, alargando a vista a norte, até ao ponto em que o Rio Cár se perde no oeste, e a Oeste, até às margens em que a terra toca o mar. Mas para além desse ponto, nem mesmo os olhos dos Aitjém conseguiam decifrar a paisagem, e somente a imaginação poderia auxiliar a visão. Num espaço interior, dentro do muro mais alto, existia uma outra muralha de quatro

esquinas, composta por três torreões e uma torre de menagem, timbrada e voltada a norte, que servia para habitação dos Senhores. No seio destes muros, um claustro abraçava o mais belo jardim abaixo da planície de Cothrom, e era para lá que Ptelius, enfim só, se dirigia agora.

Na frente do Príncipe Poeta, exsurgia do chão uma bela fonte de mármore esculpida na forma de uma grande serpente. Com uns olhos de quartzo rutilado e uma boca recheada de dentes em jade branca, a cobra cuspiá agua da sua garganta limosa para uma gigante concha polida pelo tempo. Do recipiente descomunal, suspenso por uma grossa coluna, escorriam quatro riachos vagarosos por meio de estreitos canais, e o gotejar pontilhava o ar com o som mais puro que a água era capaz de gerar.

O ambiente do claustro recheava-se pelo perfume das amendoeiras em flor, sugestivo de pensamentos poéticos. E, por momentos, Ptelius esquecia-se dos seus afazeres e o seu pensamento divagava, perdido, atraído por ideias muito distantes de quaisquer palavras ou sentimentos.

Na alvenaria de pedra dos claustros, Ptelius perdia o rumo dos seus olhos durante aquele começo de manhã feérica, e enquanto percorria verticalmente a curva da face exterior da torre, o seu olhar subia. Deixava-se encantar pela forma como as pedras se alinhavam perfeitamente num padrão lógico. A determinação com que as telhas de xisto se espiralavam na direção de um único ponto no céu. A forma como o telhado decidia em culminar numa imponente bandeira. E como, por fim, a alta torre mergulhava com destino ao azul-celeste. O jovem príncipe fazia os possíveis para capturar aquela imagem na sua mente, pois ela enchia o seu coração de esplendor. Gherssuil era verdadeiramente digna dos contos e odes que lhe haviam dedicado.

Então Ptelius, recordado da sua missão, e como que despertando de um sonho, apressou mais uma vez a passada, perfurou os jardins e num instante acabou entrando na torre de menagem. Uma vez lá dentro, o aroma da alfazema invadiu-lhe as narinas. O perfume insistiu em acompanhar o Homni enquanto ele subia as divisões. Os salões, sustentados por portentosas colunas de alabastro, ornadas com belas e coloridas tapeçarias, abriam-se perante o olhar incrédulo do jovem. De tal modo encontrou-se estupefacto, que acabou por perder o domínio sobre o seu maxilar, e este deixou-se pendente e lasso. À medida que percorria as maravilhosas escadarias, mais preciosas se mostravam as câmaras e as salas. Os corredores, revestidos por cristais luzidios que ofuscavam o próprio sol, erguiam-se de modo sublime e assombroso. Os salões,

povoados por pássaros coloridos e decorados com árvores de doces aromas, expandiam-se extravagantemente. Até uma simples sala de festa, onde um amplo palco para orquestra se alicerçava, mostrava-se bela e acolhedora. E o Príncipe Poeta, uma vez mais perdido na sua imaginação, idealizava em silêncio as mais excelsas melodias dos Aitjém que por ali haviam passado. Se o jardim do claustro de Gherssuil era espantoso, então o seu interior era digno das mansões dos deuses.

— Ptelius! — irrompeu uma voz próxima. — Chegaste na hora que te esperava, meu irmão.

Aparecendo de uma esquina, longe dos olhos distraídos de Ptelius, Aurol Timés caminhava acompanhado do seu escudeiro Manolis.

O alto príncipe saudou o irmão mais novo com naturalidade, servindo-se do seu fabuloso porte enquanto caminhava. No topo da cabeça, debaixo de um fino diadema em prata, um gracioso cabelo loiro oscilava a cada passada, tal como o trigo macio de primavera agitando-se ao final da tarde. Seus olhos claros e meigos faziam já parte da sua essência e eram acompanhados por um grande e largo nariz que terminava numa asseada e aparada barba amarela. Vestia uma túnica de linho bege por baixo de uma soberba sobrecapa púrpura, e a pele de doninha branca, que forrava a sua gola, emoldurava um sorriso jovial e luzidio.

— Bons olhos te vejam, Delfim — cumprimentou Ptelius solenemente e com uma vénia ligeira. — Em boa verdade, tão bons como os teus hão de ser os meus olhos e, apesar de tudo, apenas te vejo a ti nesta hora. Não deveria já aqui estar o resto do Conselho?

— Não mentes, pois foi isso o que te expliquei ontem. Mas atenta na verdade que te vou adiantar — continuou Aurol, — pois a hora que te indiquei era falsa. Deixai-me explicar: apenas queria acertar contigo, antes de nos sentarmos à mesa com os Senhores Gaoth, a ideia que devemos preservar.

» Como sabes, temos de manter as boas graças e a longa amizade que temos recebido dos Gaoth; e se queremos obter boas informações hoje, não podemos deixar-nos levar por conversas agourentas. Temos de saber deixar o nosso barco ir com a maré, e ainda assim levá-lo a bom porto.

— Com certeza, meu irmão — concedeu Ptelius. — Mas espero que me comprehendas quando digo que eu também possuo o dom da palavra, e que não és mais letrado na língua dos Aitjém que eu.

— Acredita, pois disso duvido. Mas desta vez outorga-me o leme da nossa conversa porque, durante o Conselho que em breve se segue com os Gaoth, mais importante do que a eloquência a experiência se revelará.

Então Ptelius consentiu, sem sombra de remorso ou dúvida.

À medida que iam segredando, os dois irmãos foram subindo os pisos da torre de menagem, seguidos de perto por Manolis. O aproximar da hora fazia o coração do jovem príncipe acelerar e a inquietação começou a fluir nas suas veias.

Por fim chegaram ao quarto piso. Diante deles agigantavam-se duas imponentes portas duplas em carvalho esculpido e os príncipes detiveram-se, estarrecidos. Sobre a passagem, Aurol, Ptelius e Manolis esperaram pela vinda da restante assembleia. Manolis com sono sob as pálpebras. Aurol com confiança nos cantos dos lábios. E Ptelius com inquietação a atulhar-lhe o peito.

Subitamente, tocou um sino do alto da torre, dando assim sinal da iniciação do Conselho. E, convictamente e sem auxílio, como se estivessem a ser movidas por alguma arte oculta, as portas duplas de carvalho abriram-se sozinhas. Os três homens ultrapassaram-nas, levando a que elas se fechassem magicamente nas suas costas. Tudo se processou maquinal e parcimoniosamente, tal e qual como a burocracia e a política devem ser.

II

Gherssuil



A sala era ampla e exageradamente luzidia. Inúmeras janelas de vitrais perfuravam as paredes de pedra grossa e as cortinas pendiam até ao chão, espalhando o seu peso num tapete verde. Oposta à entrada, ostentava-se uma gigantesca tapeçaria. O extenso pano enchia toda a parede norte e só permitia ao descoberto duas pequenas portas de cada um dos seus lados. Nele estava bordado um tema comum da iconografia Gaoth: um ocaso purpúreo banhando diversas figueiras de frutos prateados, onde três figuras esbeltas e claras se destacavam. Aquela que estava no meio parecia ser a mais importante, sendo a mais alta, com uma pele que reluzia com mais intensidade. Na mão esquerda segurava uma pedra negra, enquanto a sua mão direita se esticava para apanhar um dos frutos argênteos. O sossego da tapeçaria engrandecia a majestosidade daquela sala e os traços sedutores das figuras preenchiam a divisão com enorme deslumbramento.

Por cima, o teto servia de tela para graciosos frescos ornados com músicos angelicais de argamassa em alto relevo. No centro representava uma multidão de corpos de luz debaixo de uma noite cintilante e sem lua. Encontravam-se serenamente sobre um rio e aparentavam atravessar o curso de água por meio de uma magnífica ponte dourada. Levavam consigo uma festa animada, acompanhada por tambores, cornetas e muitos dançarinos desembaraçados.

Ancorada no chão marmoreado e enquadrada com a pintura no teto, estava uma grande mesa-redonda em sândalo perfumado. O amplo tampo estava coberto com uma toalha de linho branco, de bordas guarnecididas com linha dourada. No centro, um pesadíssimo caldeirão de bronze repisava a toalha, e nem mesmo os mais perdidos de ideias seriam capazes de ignorar a presença daquele arcaico artefacto. Em redor da mesa, voltadas para o caldeirão na forma de um círculo, haviam dezoito cadeiras de lenha escura.

Aurol e Ptelius aproximaram-se da mesa, mas não se sentaram, porque o costume obrigava-os a permanecer encostados às costas altas dos assentos, de pé, até serem convidados a tomarem os seus lugares. Manolis, refugiado pelo seu estatuto de escudeiro, permaneceu junto das portas, hirto, na tentativa de ser o mais invisível que a sua pele lhe permitia.

Poucos minutos haviam passado quando dois Gaoth entraram de rompante por uma das portas na parede norte. Eram fisicamente muito parecidos: tinham caras fechadas e graves, e seus cabelos loiros eram igualmente curtos. Tal como era típico do povo da península de Dachaidh, a sua tez era clara e de uma jovialidade enganadora, pois era sabido que a pele dos Aitjém encobria os anos. Os dois recém-chegados permaneceram afastados da mesa-redonda. Conservaram-se juntos, falando baixinho, em segredo. Gesticulavam pouco, com movimentos pouco expansivos, e pareciam mais interessados com o que quer que fosse que se passava do lado de fora das janelas do que com aqueles que se encontravam no interior da sala. Era como se a presença dos Homnis lhes fosse indiferente.

De seguida, entrou um outro Gaoth pela outra porta. O seu coxejar não conseguiu enganar Aurol, fazendo o príncipe perceber que aquele se tratava de Dhaon, o dirigente dos negócios entre Baile-Mòr e Stomia. Este cargo fazia dele um dos principais bonificados pelo mais proveitoso contrato comercial entre Homni e Aitjém, e, consequentemente, um dos seres mais ricos em toda a Asterend. Os outros dois, que ainda não se haviam movido da vizinhança das janelas, olharam demoradamente para Dhaon à medida que este, auxiliado pela sua bengala, arrastava a perna mais incapaz. Desde sempre que Aurol lhe conhecera aquela mesma bengala, e desde muito jovem se indagara pelo valor daquela rutilante pedra alaranjada que se encrostava no seu punho esférico. Quando Dhaon finalmente chegou à mesa, apoiou-se firmemente nas costas de uma das cadeiras e aguardou. Por fim, o dirigente Aitjém cumprimentou os príncipes Homnis com um leve sorriso, ao qual o Delfim Dourado e o Príncipe Poeta corresponderam com gentileza.

O silêncio mantinha-se suspenso, e era apenas interrompido por breves sibilos fortuitos dos dois Gaoth à janela. Mas todos olharam quando a porta à esquerda da tapeçaria colossal se abriu. Por ela entrou um velho Gaoth, e note-se como ele era velho, nem mesmo a magia que cobre os corpos dos Aitjém lhe conseguia ocultar tamanha idade. Movia-se lentamente, curvando-se na direção do chão, e sua pele era enrugada e pálida. Auxiliando-o, um Gaoth mais forte e capaz encorajava o mais idoso a caminhar. Tanto o jovem como o velho possuíam olhos extremamente

claros e cristalinos e, quais joias que fulgem sob as chamas das velas, suas vistas luziam como se a sua luz proviesse de um sítio de infinita beleza. O velho ostentava uma coroa feita de folhas de carvalho, e da sua cabeça escorriam longos cabelos loiros, quase brancos. Da sua face nascia uma longa e delicada barba nívea que esticava até ficar transparente. Outros cabelos, só que mais vigorosos e de tons mais sadios, espalhavam-se pelos braços do jovem como um manto de ouro. Ambos vestiam uma simples túnica branca sobre os ombros, o que lhes enaltecia ainda mais a pureza dos seus corpos.

Foi assim que os príncipes de Stomia viram os dois belos Gaoth que agora entravam. Por último, e baixando-se para transpor a padieira da porta, entrou um Tuath — um Aitjém do Norte. Seu físico era delgado, mas possante e, aos olhos de Aurol e Ptelius, parecia que todo o seu corpo era feito de luz, tal como se uma aura ardente o escoltassem. A sua luminosidade ofuscou os Homnis de tal maneira que, a princípio, viram-se obrigados a desviar as faces com receio de ferir as vistas. E somente quando os seus olhos se adaptaram ao resplendor, conseguiram distinguir os longos cabelos negros e os profundos olhos azuis que habitavam a cara pesada do Tuath. Aurol e Ptelius nunca haviam visto um Aitjém do Norte e, em boa verdade, poucos eram os Homnis que podiam vangloriar-se de o terem feito.

Os Tuath eram um povo estranho e inacessível. Haviam-se refugiado nas terras do Norte, a ocidente do oceano Aegir, desde há muito tempo. Por isso, e graças à sua natureza discreta e eclética, pouco se davam a conhecer às restantes nações de Asterend. Mas alguns havia que decidiram viver junto dos Gaoth, seus irmãos, e esses ainda habitavam em Dachaidh, na cidade setentrional de Cladach às portas do mar Fairge.

Por fim, todos os presentes naquela sala se aproximaram da mesa-redonda e cruzaram olhares. Então, e com um gesto do seu braço, o jovem Aitjém de cabelos loiros e olhos claros deu sinal para tomarem os seus lugares. Porém, ele não se assentou, e proferiu reta e calmamente as seguintes palavras:

— Distintos convidados da Foirfeich-tional de Baile-Mòr, a pedido dos nossos amigos de Demochóra, estamos hoje aqui com o propósito de debater assuntos por eles trazidos. Mas, previamente, dou início às apresentações.

E, cordialmente, enumerou os nomes e os títulos para que todos se conhecessem.

Seu nome era Laùil, e fazia-se acompanhar de seu pai. Adiantou também que ele próprio era o chefe do conselho dos Gaoth — o Suad

da Foirfeich-tional — bem como o general de Baile-Mòr. No seu corpo corria o valoroso sangue da família que outrora ajudara a elevar Baile-Mòr ao topo do planalto de Daineach, há mais de três mil anos. Ao seu lado direito, Andùil Yùl, seu pai, acumulava o fardo dos anos no semblante, acusando espíritos profundos procedentes de uma vida obsoleta. Também estavam presentes Tulach, de Srath, e Muir, de Inbhir, em representação dos Gaoth de oriente. Esses tinham sido os primeiros a entrar na sala, mas nem por isso davam sinais de maior amistosidade; nem mesmo agora que estavam sentados à mesa do conselho. Por último, Laùil apresentou Dhaon, que aproveitou para repetir o mesmo sorriso de antes, e Aortime, um ilustre emissário Tuath de Cladach que, por estar de visita a Baile-Mòr, Laùil aproveitara para o convidar a estar presente no conselho. Feitas as apresentações, o Suad sentou-se, finalmente, e manifestou as mais sinceras desculpas pela ausência de Ghrian, a Rainha dos Gaoth e sua parente. Mas dado o surgimento de outros temas mais próximos do seu coração, foi-lhe impossível estar presente naquele eminente conselho. Nessora Aurol levantou-se, outra vez, e apresentou-se a si e ao seu irmão, os herdeiros de Stomia, visto que dos presentes apenas Dhaon os conhecia de nome.

Muitos e variados assuntos se discutiram desafogadamente naquela mesa, mas, a princípio, a maioria foi de índole comercial. Nada mais do que um aquecimento para em breve se abordarem assuntos mais sensíveis. E assim se anotaram as contas e se esclareceram as dúvidas colocadas por Dhaon em relação ao incumprimento de um último carregamento de bronze. Recentemente, muitos carregamentos tinham-se perdido na perigosa estrada que ligava os reinos dos Homnis e dos Aitjém. Alguns Aitjém culpavam os impostos aplicados à saída de Demochóra, argumentando que cada vez mais caravanistas acabavam por desertar para depois vender os seus bens clandestinamente. Mas entre os Homnis existiam os que culpavam uma coisa diferente. Uma coisa maligna. Falavam dela como se de uma presença se tratasse, uma sombra que se expelia das montanhas a ocidente e afugentava os comerciantes dos caminhos seguros da estrada.

Assim que se falou desse tema, o Príncipe Poeta sentiu um arrepião, como se um sopro gelado lhe deslizasse pela espinha. Contudo, Ptelius permaneceu calado enquanto o irmão acertava os assuntos com Dhaon. Mas, desde o outro lado da mesa, os penetrantes olhos vítreos de Aortime percorreram silenciosamente as feições de Ptelius e o alto Tuath presentiu que temas mais obscuros descansavam nos corações dos Homnis. Temas que Aurol tentava encobrir com a sua eloquência.

Apercebendo-se desse sentimento, Aortime aguardou pacientemente. E quando, por fim, viu a sua oportunidade entre as pausas na conversação, falou:

— Decerto não me querereis enganar — principiou o Tuath com um tom versado e assertivo. — E corrigi-me se penso que estas matérias irrigúrias não justificam a vinda dos herdeiros do trono de Stomia às terras dos Aitjém. Pois essas são substâncias a ser tratadas por comerciais.

» Por isso, dizei-me em qual destas duas hipóteses assenta a verdade: ou vossos senhores de negócios perderam a genica, seja por falta de experiência no ofício ou por falta de honradez para com os contratos; ou um mal maior atormenta seus espíritos. E pela desalma nos olhos deste Ptelius Timés, muito honestamente vos digo, nunca desejei tanto que a resposta fosse ao encontro da primeira opção.

Ao escutar essas palavras, Ptelius baixou os olhos, comprimiu os lábios e limitou-se a um mutismo que depressa se espalhou pela sala.

Dhaon retraiu-se no seu assento, sujeito à autoridade que Aortime impunha sobre o conselho. Por sua vez, Aurol voltou a sua atenção para o Tuath, colocou a mão na sua consciência e interrompeu o silêncio:

— Possuís uma vasta visão, glorioso Aortime. Por isso desculpai-nos o tempo que vos ocupamos, ou se sentis que vos ocultamos algo. De facto, existe um tema que nos inquieta.

— Tempo tenho eu de sobra. Porquanto não espero sucumbir à morte e a velhice nunca me alcançará. E somente por isso aceito tão facilmente as vossas desculpas — respondeu o Tuath com firmeza.

O desenvolvimento demorado da conversa não agradava ao orgulhoso Aortime, e isso notava-se na sua voz.

— Ainda assim rogo-vos — continuou ele, — apressai-vos a chegar ao cerne da vossa vinda, pois o tempo urge para aqueles que poderão encontrar motivos para se preocuparem com a passagem do tempo.

— Sem mais demoras o farei, bom senhor — retorquiu Aurol. — Mas este relato que de seguida vos exponho carece de contexto. Ficai sabendo que estas palavras não são da minha boca, mas antes das bocas do meu povo.

» Correm boatos de bichos estranhos que descem as encostas das Bistr durante a noite. E, pela forma como os descrevem, aparentam querer fugir de alguma coisa.

— Fugir? — interveio o velho Andùil Yùl, esticando o rosto com apreensão.

O velho ainda não se havia pronunciado desde que entrara na sala e

agora parecia acordado de um prolongado transe. Os olhos cintilantes de Andùil vagueavam semiabertos pela superfície do pote que descansava no meio da mesa, mas todos os outros se afincavam em Aurol.

— Sim, coisas estranhas andam a fugir — continuou o príncipe.

Apesar da opressão dos olhares que perseguiam Aurol, as capacidades discursivas do Delfim Dourado não se tolheram. Porém, era impossível ficar indiferente ao escrutínio da Foirfeich-tional, e por isso a voz do príncipe ficou mais célebre e tremida:

— Mercadores e caravaneiros falam de uma nuvem negra que paira a ocidente, por cima das montanhas. Eu próprio não a testemunhei nesta minha última excursão até às vossas terras. E várias vezes os meus olhos se viraram para oeste durante os nossos longos dias de jornada, mas em nenhuma vez viram o negrume além das Bistr, ou para lá da floresta Vaine, como dizem os relatos. Todavia, meu irmão dir-vos-á o contrário, afirmindo ter visto o negrume nos céus.

— Certamente entendéis a vastidão do mundo — interrompeu-o Aortime, entrelaçando as mãos sobre a mesa, — e já tereis ouvido sobre suas vontades inconstantes, comparáveis a birras de uma criança. Não poderá esse *negrume* de que falas ser só o prenúncio das chuvas tão características da região?

— Assim o interpretaria eu, sábio Aortime. Mas vede como estes assuntos perturbam meu irmão — continuou Aurol, apontando agora com o braço para a sua direita, expondo a expressão paralisada de Ptelius. — Vede como sua boca irresoluta se tranca, ou como seu semblante mingua com estes assuntos.

» Além do mais, foi-me dito que um experiente herbolário tem encontrado diversos animais nunca vistos em Tembra. Criaturas portadoras de deformidades ou amaldiçoadas por alguma doença ou bruxaria. E, tal como ele, vários forrageadores das nossas terras, quando em excursões pelas regiões limítrofes a ocidente de Demochóra, reportam avistamentos semelhantes. Mas destes relatos não sei mais do que apenas rumores. Creio que estas coisas não passam de visões baralhadas com memórias e contos. Conjeturas inventadas por mentes simples numa tentativa de encontrar explicação para a natureza de Asterend. Mas por isso mesmo buscamos o parecer dos Aitjém, para que vós nos possais ajudar a resolver este enigma. Pois vós sois o povo mais antigo de Asterend e aquele que melhor o conhece.

— De facto encontro motivos para preocupação — respondeu Andùil, em tom ponderado. — Mas vossa alma não se agita pelas palavras que

proferistes. Vosso espírito encontrava-se despojado de inquietação quando apresentastes esses testemunhos, e tenho a certeza de que o filho mais velho de Authair Timés II não é ingênuo. Ainda assim digo-vos: se haveis acreditado que essas histórias não passam de conjecturas fabricadas por mentes mais simples, então ponderai também sobre o vosso intelecto. Pois aquele que não acolhe a voz do seu povo será imprudente a comandá-lo.

» Não obstante, há vários sábios entre os do vosso povo que não me deixam mentir, dado que eles mesmos pressagiam más coisas nos sinais. Se não, que outro motivo vos traria aqui para discuti-los? Mas tu, jovem Ptelius, acautela-te — prosseguiu o velho, dirigindo-se agora para o Homni mais novo que o mirava com inquietação. — Pois é real a existência de uma *Treva* a ocidente, e julgo que tu já tenhas visto a sua marca. Meu pai vivenciou perto demais a perversidade que ela pode despertar nos corações dos povos deste mundo. Nós, os Aitjém, travámos várias batalhas com essa mesma *Treva* no passado, fosse em guerra ou nos nossos corações. E graças às nossas boas ações temo-la mantido contida nas fronteiras da sua vileza. Mas longos têm sido os anos que têm mantido a *Treva* oprimida. E bons têm sido os tempos para ela apurar a sua inveja e o seu ódio contra os povos de Asterend.

— Que loucuras se ouvem aqui? — interrompeu Muir com um murro na mesa.

O grito que jorrou do Gaoth rompeu o ar como o som de um relâmpago rasgando a noite, e os vidros reverberaram com o poderio da sua voz.

Os presentes do conselho vacilaram e mesmo Manolis, que havia permanecido abstraído de tudo, lá ao longe, se sacudiu com o susto.

— Velho louco, não sabe o que diz! — continuou. — Essas trevas de que falas são assuntos concernentes aos Aitjém! Não intrometas Homni que seja nos nossos haveres. Além disso, qualquer força que possa ainda existir a ocidente, tal como proferistes, Andùil, está extinta, assim como o bom-senso nessa vossa cabeça arcaica.

Laùil não tomou de bom grado aquela participação, mas não fez caso dela. E somente após uns instantes se conseguiu restabelecer a calma no seu coração e na restante assembleia.

Por último, o tinir das janelas deixou de se fazer ouvir no ar, e o conselho conseguiu respirar naturalmente de novo. Porém, Ptelius achava-se assoberbado e suas mãos começaram a escorregar uma sobre a outra devido à transpiração.

— Poderá muito bem ser assim — redarguiu Andùil, harmonizando

o seu discurso com a serenidade que a sua idade lhe oferecia. — Mas àquele que duvidar eu digo-lhe: leiam-se os textos ancestrais. Isto, claro, caso entendais a velha língua. Lá ides encontrar as várias denominações dessa *Treva*, além dos nomes daqueles que a serviram.

— Lendas antigas — defendeu-se Muir, indignado. — Disparates de um tempo anterior a todos nós.

Fez-se silêncio. O ar, denso e pesado como uma neblina espessa, esticou-se tranquilamente pelo tempo, e os minutos perlongaram por um espaço que pareceu horas.

Enfim, Laùil levantou-se e aproveitou o momento para tentar fazer ver aos Homnis que nem mesmo os Aitjém estavam sempre de acordo quanto às manifestações do mundo. Usufruindo da ocasião, Aortime deu por terminada a sessão, levantou-se sem grande cerimónia e retirou-se. Posto isto, os restantes membros da assembleia puseram-se de pé também, mas durante as demoradas despedidas, Tulach e Muir aproveitaram para se ausentar e, sem quaisquer palavras ou justificações, saíram da sala com cara de poucos amigos.

Agora, chegado o fim da Foirfeich-tional, as dúvidas adensavam-se no pensamento do Príncipe Poeta e compactavam-se, formando uma nuvem opaca que lhe perturbava ainda mais o espírito. E por cada segundo a mais que Aurol se atrasava naquela sala, mais o coração de Ptelius pesava com as incertezas que se iam acumulando. Então, entre as despedidas, Andùil agarrou o braço do jovem príncipe e puxou-o à parte.

— Não deixes que o temor te ocupe o espírito, jovem Ptelius, e tão-pouco que a esperança te abandone o coração — disse o ancião Gaoth em sinceridade. — O teu irmão poderá não possuir o mesmo alcance de vista que tu, e o seu pensamento talvez não ultrapasse além dos assuntos terrenos. Mas acredita quando digo que teus são os olhos de melhor discernimento, e poderão estar encerrados em ti os desígnios do vosso povo, pois também pertences à Casa dos Criados.

» Escuta agora que mais ninguém nos ouve, e faz com esta informação o que melhor te agradar. É em verdade o que disse há pouco: a *Treva* das lendas é real. Todavia, ela nunca foi vista a leste da cordilheira Morijná. Diz-se que ela habita nas entradas do mundo, sob a serra Joradh, enterrada nos desertos de Morksûm. E é lá que mora o dono e amo dessa *Treva*, chamam-lhe frequentemente o Decadente, e o seu poder foi muitas vezes equiparado ao dos deuses Leanaban, ou quiçá acima do deles. Porém, houve de facto um entre os Aitjém que serviu esse Senhor; mas esse tombou no passado. Todavia, temo que outros se possam ter

alevantado com o chamamento da *Treva* e que a História de outrora possa voltar a repetir-se. Temo não ter coragem para proferir mais nada nesta sala, meu jovem príncipe. Tenho receio que alguém fino de ouvido me ouça e me sentencie, julgando-me por um velho consumido pela insânia.

» Para que conste, fica por aqui aquilo que sei. Contudo, existe *entre vós* um sábio sacerdote que vos conseguirá aconselhar em termos mais adequados para um Homni ouvir. Ele sim, saberá como completar o meu relato. O seu nome, entre os do vosso povo — pois diversos teve ele ao longo dos tempos — é Sófostes, e tem morada em Canthaval, o templo de Vírgolo.

» Procura auxílio nas suas palavras e, talvez assim, possas levar alguma clareza ao vosso povo. Não percas a esperança, nobre Ptelius Timés, pois se há alguma veracidade naquilo que te acabei de confidenciar, existe então uma forte possibilidade de a História do mundo estar alicerçada nos teus ombros. Então, sobre eles também assentará o destino dos Homnis.

Intenso foi o desalento que grassou o espírito do jovem Ptelius quando este escutou tais presságios. Nunca a doçura e a paz do mar lhe pareceram tão distantes do coração como naquela hora. Fatalmente, o príncipe acatou os conselhos do ancião com educação e, baixando sua testa para ocultar a tristeza no fundo da sua face, agradeceu-as com toda a cortesia que era capaz de disfarçar. Posto isto, Ptelius despediu-se dos demais e, acompanhando Aurol e Manolis, abandonou a Foirfeich-tional.

Enquanto caminhava pelos pisos da torre, os passos do jovem príncipe seguiam sozinhos, sem que ele os comandasse, porque a sua atenção unia-se à sua vista, enquanto seus olhos cabisbaixos pousavam exclusivamente no vazio.

Impassível, Aurol explicava ao irmão que não havia nada a temer. Não havia nas histórias dos Homnis menção a qualquer sombra maléfica ou a qualquer força divina e funesta da antiguidade. No entendimento do Delfim Dourado, todos esses contos não passavam de parábolas dos Aitjém, lições perpetuadas para afastar homens menos astutos de lugares duvidosos e perigosos. E Ptelius concordava, acenando afirmativamente, como que tentando convencer-se. Porém, não conseguia encontrar na sua consciência forma de acreditar plenamente no seu irmão. Então começou a crescer nele uma ânsia enorme de rumar a sul e uma necessidade de voltar a Demochóra. Com um desejo ardente e irrefletido de regressar à estrada, o jovem príncipe implorou a Aurol que não se demorassem muito mais tempo em Dachaídha e pediu-lhe que se apressassem a partir para junto dos seus. Aurol podia ser obstinado e, por vezes, pouco esperto de ideias,

mas de uma coisa ele era incapaz: presenciar a angústia de um parente seu. E por isso consentiu ao pedido de Ptelius. No raiar do segundo Sol depois daquele dia haviam de partir, mas não antes. Primeiro necessitava de verificar junto de Dhaon algumas adendas feitas aos documentos referentes a novos contratos.

Desta feita, e após percorrerem os grandes salões de Gherssuil, Aurol libertou Ptelius aos seus aposentos, deixando-o com a promessa de que os últimos ajustes a efetuar seriam céleres. E assim ficou Ptelius, reunido de novo com o seu alaúde. No entanto, naquela hora, a sua mente não se atraia para nenhuma melodia e seguia mergulhada numa treva que nem mesmo a pureza da música conseguia aclarar.

Para grande felicidade de Ptelius, Aurol não faltou ao prometido: ao nascer do segundo dia após a Foirfeich-tional, os oito Homnis que haviam partido das suas terras no primeiro dia de Primavera aguardavam pela hora de abalar, apeados e iluminados por um Sol nascente que banhava a praça de armas do castelo.

— Partamos lestos — falou Aurol enquanto aprontavam os seus cavalos. — Daqui não há nada de bens materiais que possamos levar connosco. Mais preciosa é a amizade que fortificámos nestes dias com os Gaoth.

» Como sabeis, sustento encontraremos de sobra no nosso caminho. Mas aconselho-vos a abastecerem-se com as águas do rio Cár, o seu líquido rejuvenesce e fortalece os corpos mais abatidos. Depois despeçam-se da beleza de Dachaidh e peçam aos magnânimos deuses que bem-fadem o percurso que temos a percorrer até casa.

Postas estas palavras, os Homnis carregaram os corcéis com os seus pertences e amarraram numerosas odres de pele de cabra para encher mais tarde com água. De seguida, subiram para as suas selas e cavalgaram vagarosamente pelas portas de Gherssuil em direção ao sul.

A saída mais rápida de Baile-Mòr, para quem se dirigia às terras meridionais, era pelos portões voltados a nascente; esses davam ligação à rede de estradas eximamente empedradas pelo antigo engenho Aitjém. Transpostas as muralhas, os Homnis haviam de atravessar a ponte Cruinn sobre o rio Cár que cingia a cidade, e depois haviam de rumar a sul, entre o rio e a Monadh-Firth. Chegados às proximidades da Cruinn, pararam para beber. E, tal como Aurol previra, as propriedades do maravilhoso Cár redobraram os espíritos dos Homnis com um novo vigor, e o percurso adiante deixou de lhes parecer tão oneroso.

Seguindo a estrada, acabariam por chegar à base do Mendrúl ao

anoitecer. A partir daí abandonariam as terras de Dachaidh, e o único caminho que poderiam adotar era aquele traçado pelos resquícios das centenárias vias que os Gaoth haviam construído no período em que o seu reino se alastrava até ao mar Talcã.

O povo Homni estava bem familiarizado com esses percursos, pois eram frequentemente usados pelas caravanias dos comerciantes. Durante a viagem, Theodoros e Theofanis estavam encarregues da busca de alimento, por serem mais leves de pés e, portanto, capazes de percorrer vastas áreas sem se cansarem. Elias e Lukas patrulhavam as margens dos matos em busca de boa madeira para queimar, e os restantes tratavam das tendas e outros afazeres. As suas refeições baseavam-se em raízes e frutos que Theodoros e Theofanis poderiam encontrar, ou até, ocasionalmente, uma ou duas lebres, caso a sorte os felicitasse. Durante os serões, Ptelius presenteava os demais com as suas trovas sobre o mar. Mas o ónus dos últimos dias havia colocado gravidade na sua voz, e as suas melodias, outrora repletas de amor e deleite, soavam agora conspurcadas e imperfeitas.

Assim passaram os dias, e mais três foram precisos para atravessar os despovoados campos de Crasan encostados à estreita floresta Vaine. Aí começava a avistar-se um negrume no topo da cordilheira, a sudoeste, o que inquietava de novo o coração de Ptelius. Mas Aurol, cuja vista era menos arguta, não conseguia avistar qualquer sinal de ensombramento no céu e por isso ele tentava timonar o espírito do irmão, afastando-lhe as nuvens do seu espírito. Essas palavras, como remos que empurram jangada errante, iam dando a Ptelius forças para enfrentar o aperto.

Seguindo um pouco mais para sul, havia uma altura em que o arvoredo teimava em estender-se para leste, adensando-se numa muralha alta e verde. Nessa zona, a via ancestral dos Gaoth curvava para oeste, fugindo ao impenetrável mato da Adhair, a Floresta Inescrutável. Contava-se, entre os povos, que invulgares e sinistras criaturas habitavam essa floresta, e entre os Homnis raros eram os depoimentos de alguém que tivesse de lá regressado. Por isso mesmo, as noites passadas perto da Adhair eram, geralmente, uma experiência pavorosa. E agora muito mais pois, ultimamente, a floresta alterara-se. Havia-se convertido num local negro e vil. Como se alguma coisa a tivesse corrompido. Nem mesmo as árvores pareciam reter vestígios de bondade.

Por muito grande que fosse o desconforto de passar a noite perto da Adhair, a alternativa não era muito melhor por consistir em rumar a norte, cortar para leste sobre os campos de Crasan e caminhar junto ao mar Aegir, perdendo assim vários dias de viagem pelos ermos. Além de que

essa região era pouco vigiada e mal mapeada pelos Homnis. Assim sendo, o grupo teria de se manter na estrada antiga, tal como já haviam feito muitas outras vezes.

Então, o séquito pernoitou junto da floresta, destacando uma sentinela que, alternando o posto, dividia o fardo da vigia por todos. Após uma noite sem intercorrências, o grupo partiu apressadamente, ainda antes do anúncio do dia, ansiosos por deixar os ares funestos da Adhair para trás. Deslocaram-se na direção do Sol nascente, e nas suas costas ficavam a cordilheira Morijná e as nuvens negras que tanto preocupavam Ptelius.

Mais adiante, as árvores passaram a dar lugar às montanhas, e, nesse instante, à direita dos Homnis, ergueram-se as cinzentas Bistr. Nos seus distantes cabeços, ora pontiagudos ora abaulados, sobreviviam exíguos sinais níveos do inverno.

Naquele troço, a estrada bifurcava: para norte seguia para as ruínas de cidades perdidas no tempo de antigamente, e para sul conduzia até Demochóra. A oriente estava o escaldante Deserto Pak, onde nada se pode esperar a não ser lazeira e ruína. Contudo, perto dessa interceção, antes das primeiras dunas, havia um grande acampamento estrategicamente montado para abastecer os viajantes que por ali passavam. Os Homnis chamavam a esse local Crós e estava colocado num importante cruzamento entre as regiões das três maiores raças em Asterend. Na sua maioria, o acampamento era formado por nómadas com as suas respetivas famílias. Porém, um bom número dos crosienses era constituído por bando de ladrões ou criminosos que haviam abandonado Demochóra. Crós era uma terra sem rei, ruidosa e poeirenta, onde o poder régio era odiado e a lei do mais forte aceite por imposição. Era frequente os fora-da-lei que se demoravam por aquelas bandas. Por vezes, para seu próprio azar, demoravam-se tempo demais.

Mesmo sabendo disso, o grupo, por sugestão de Ptelius, decidiu dirigir-se ao acampamento com intenções de descortinar algumas suposições do discurso de Andùil. Se narradores havia com opiniões e ideias sobre o que se passava nas orlas ocidentais, certamente alguns desses estariam em Crós.

Nenhum crosiense demonstrou tributo, respeito ou qualquer sinal de afeto pelos príncipes. O que era comprehensível, porque quem havia preferido viver ali, às portas do deserto, escolhera-o para fugir à vassalagem chico-teante e à prisão feudal de senhores. E os herdeiros da Casa dos Criados eram bem conhecidos por aquelas gentes. Considerados *pessoas não gratas*, ninguém ousou tocar-lhes sequer, receosos das repercussões.

Os restantes membros do séquito, com as mãos bem visíveis sobre os cabos das suas espadas, mostravam-se disponíveis a intervir caso alguém se aventurasse desafiar a presença dos nobres, e a guarda nunca abandonou o flanco de Aurol e Ptelius. E assim seria pelo melhor, porque os príncipes também pretendiam evitar confusões e, desse modo, ser-lhes-ia permitido passar desapercebidos enquanto vasculhavam por notícias entre os vendedores. Porém, os poucos que lhes respondiam falavam sempre das mesmas histórias gastas: depoimentos de monstros animalescos que atormentavam e pilhavam as caravanas durante a noite, vindos de oeste e sabe-se lá de onde.

Mas houve uma história que souu de modo diferente aos ouvidos de Ptelius e captou a sua atenção. Um certo contrabandista de tabaco-das-ilhas mencionou ter-se cruzado com uns pequenos seres esquisitos, aquando das suas visitas além da estrada, e capturara três dessas criaturas estranhas no sopé das montanhas. Falavam uma língua desconhecida e pareciam inofensivos à primeira vista. No entanto, rumores corriam de que aquelas criaturas possuíam poderes mágicos e que seriam capazes de colocar uma maldição sobre quem as enxergasse.

Curioso, Ptelius pediu que lhes indicassem o local onde se mantinham cativas essas criaturas e o comerciante apontou para a periferia do acampamento, para uma zona onde os batedores expunham os prémios das suas caçadas e os curtidores aproveitavam para tratar os couros dos animais.

— Belsob é um caçador das montanhas — disse o comerciante. — Perguntem por esse nome.

Algo incompreensível se desenhava no pensamento de Ptelius. A sua mente dizia-lhe que aqueles três pequenos seres poderiam encerrar o mistério sobre a tal *Treva* antiga e enigmática. Mas essa ideia gelava-lhe o espírito. Se assim fosse, as previsões de Andùil poderiam estar corretas e então Ptelius perderia a última esperança de poder passar o resto dos dias junto ao mar.

